Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Segure os R$ 600...

O resto, a gente vê depois. A "árvore de Natal" que promete virar a PEC da Transição levou técnicos aliados ao futuro governo a discutir um fatiamento das propostas. A ideia é garantir desde já a manutenção do Auxílio Brasil de R$ 600, que é consenso entre o governo que sai e o que entrará em 1º de janeiro. As demais promessas ficariam para aprovação em 2023.

Onde mora o perigo

A briga que o senador Renan Calheiros (MDB-AL) e o deputado Arthur Lira travaram na eleição em Alagoas já se transferiu para a disputa pelo comando da Câmara e do Senado. Apoiador de Lula desde a primeira hora, Renan fará tudo o que estiver ao seu alcance para evitar que o petista se veja obrigado a apoiar Lira para presidente da Câmara.

Veja bem

No PT, há quem diga que Renan não pode misturar a briga alagoana com o futuro governo. Se Lula sentir que não apoiar Arthur Lira poderá representar um problemão mais à frente, fechará com ele sem pestanejar. Melhor do que deixar o deputado alagoano se reeleger presidente pelas mãos do bolsonarismo sem o menor compromisso de lealdade à gestão Lula/Geraldo Alckmin.

Kassab se movimenta

O presidente do PSD, Gilberto Kassab, começou a conversar com o PP de Arthur Lira. A ordem é garantir a reeleição de Rodrigo Pacheco no Senado.

Para sobreviver, Valdemar fecha com o bolsonarismo

Pragmático, o presidente do PL, Valdemar da Costa Neto, anunciará na semana que vem que seu partido será oposição ao governo Lula. O movimento agora é considerado necessário, a fim de evitar que os bolsonaristas se movimentem para tomar o comando da legenda. Até aqui, as contas indicam que Valdemar tem 44 deputados, os bolsonaristas 40, e há 15 que estão no meio. Logo, é preciso estabelecer uma boa convivência com todos e dar ao presidente Jair Bolsonaro as honras de quem obteve 58 milhões de votos.

Valdemar, aliás, vale lembrar, pretende fechar o apoio à reeleição de Arthur Lira (PP-AL) para presidente da Câmara e, assim, atrair o aval do PP para que o PL ganhe mais lastro numa candidatura à Presidência do Senado. A aposta de aliados de Lira é de que ele tem tudo para fechar este mês com 240 votos de largada para se reeleger presidente da Casa. Se o PT demorar muito nessa negociação, corre o risco de ser tão surpreendido quanto foi Renan Calheiros, quando acabou derrotado por Davi Alcolumbre (UB-AP) para o comando do Senado.



CURTIDAS

Calma, Gleisi, calma/ As postagens da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, dispensando o pedido de perdão de Edir Macedo, da Igreja Universal, foram lidas como um tiro no pé. Não é hora de criar marola nem cutucar onça com vara curta. O momento é de juntar para governar.

Nelson Jr./SCO/STF



Por falar em juntar.../ Quem tem feito questão de reunir muita gente é o ministro Dias Toffoli (**foto**), do Supremo Tribunal Federal. Ontem, um almoço na casa dele reuniu antigos assessores do magistrado e autoridades. À mesa, cenários futuros.

... a turma é eclética/ Passaram por lá o ex-ministro da Defesa Fernando Azevedo e Silva, que já trabalhou com Toffoli no STF; o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco; o presidente em exercício do Tribunal de Contas da União, Bruno Dantas; o advogado-geral da União, Bruno Bianco, e os ministros Kássio Nunes Marques e Edson Fachin, do STF.

Sósia/ Com tanta gente, não dá para fechar nada, mas dá para conversar e aproximar. Um dos presentes, aliás, era muito parecido com Jaques Wagner, o que levou logo a especulações de que Toffoli sondava o general Fernando sobre a aceitação de Wagner para a Defesa. Até aqui, a ideia é não colocar lá alguém filiado ao PT.

Lula quer paz/ O presidente eleito sabe que tem de fazer um governo muito diferente daquele que montou em 2002, quando o PT venceu sem precisar de muitos apoios de centro. A ideia agora é evitar provocações àqueles que apoiaram Bolsonaro e aproveitar o momento para atrair aliados.

PODER

Partidos avaliam integrar base

PSD, MDB e União Brasil abrem possibilidade de diálogo para fazer parte do grupo de sustentação do governo no Congresso

» RAPHAEL FELICE

Lideranças de partidos do Congresso já começam a acenar ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva para integrar a base de apoio do novo governo. Um deles, o PSD, fará reunião de bancada na próxima terça-feira, com a presença do presidente da sigla, Gilberto Kassab, para definir se vai fechar com a nova gestão.

O líder do PSD no Senado, Otto Alencar (BA), avalia que há possibilidade de o partido se aliar ao governo. Reeleito em outubro com 4.218.333 votos, o parlamentar afirmou ao **Correio** que articula o apoio com a bancada.

O PSD tem, atualmente, 46 deputados e 12 senadores, incluído aí o presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (MG). E o PT corre contra o tempo para conseguir aliados e aprovar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Transição, com o objetivo de autorizar despesas fora do teto de gastos.

Na terça-feira, haverá uma reunião do presidente do PSD, Gilberto Kassab, com parlamentares. "Temos senadores que apoiaram Lula no primeiro turno. Tem (Carlos) Fávaro (MT), Omar Aziz (MT), eu, (Sérgio) Petecão (AC), Alexandre Silveira (MG), Daniela Ribeiro (PB). Também estou conversando com os senadores que não apoiaram", disse Alencar, em uma referência a Nelsinho Trad (MS) e Vanderlan Cardoso (GO).

Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, na quinta-feira, Kassab condicionou a construção com Lula ao apoio do presidente eleito a "bons projetos do PSD", entre os quais, o aval à reeleição de Pacheco ao comando do Senado.

No União Brasil, o presidente da legenda, Luciano Bivar, já acenou à gestão petista e deve sentar à mesa com a cúpula do novo governo na próxima semana. Deputado federal por Pernambuco, ele já afirmou que não será "de jeito nenhum" oposição a Lula.

Bivar, cuja legenda tem 59 deputados federais, iniciou negociações para o partido brigar pela Presidência da Câmara. O xadrez em torno do cargo envolve, também, partidos que hoje formam o centrão aliado do presidente Jair Bolsonaro, como o PP — com Arthur Lira (AL), que busca a reeleição ao posto — e o Republicanos, com Marcos Pereira (SP).

> **Se eu concordar com as propostas do novo governo, vou acompanhar, mas venho do combate à corrupção e da liberdade econômica. Não abro mão desses princípios"**
>
> ***Soraya Thronicke,*** *ex-presidenciável do União Brasil*

Roque de Sá/Agência Senado



O senador Otto Alencar, que apoiou a eleição de Lula, tenta convencer colegas do partido

Resistência

O União Brasil é fruto de uma fusão entre DEM e PSL — partido de Bolsonaro em 2018 — e tem muitos parlamentares conservadores tanto na Câmara quanto no Senado, o que deve gerar dissidência mesmo com a formalização de uma aliança. Entre os nomes com forte resistência a Lula e ao PT, está Sergio Moro (PR), ex-juiz da Lava-Jato e agora senador eleito.

Crítica de Lula, a senadora e ex-presidenciável Soraya Thronicke (MS) entende que a posição do partido será fazer o melhor para o Brasil. "O que nós queremos é reconstruir este país e vamos trabalhar por isso. O que nós estamos pensando e trabalhando — hoje (ontem) ainda falei com o Bivar —, é que somos liberais na economia, e a gente sabe que um partido de esquerda tem dificuldade nessas pautas, mas o que a gente percebe é que mesmo o Bolsonaro não foi liberal na economia. Não fez o que foi combinado, e não consideramos que ele teve uma política liberal", frisou. "Se eu concordar com as propostas do novo governo, vou acompanhar, mas venho do combate à corrupção e da liberdade econômica. Não abro mão desses princípios", acrescentou.

Outro partido que deve compor com o novo governo é o MDB. Além do apoio da senadora Simone Tebet (MS) — que mergulhou na campanha de Lula à Presidência e deve assumir um ministério de grande porte —, o presidente eleito tem fortes aliados na legenda. No Senado, são nomes como Marcelo Castro (PI), Veneziano Vital do Rêgo (PB), Renan Calheiros (AL) e o senador eleito Renan Filho (AL). Na Câmara, o líder do partido, Isnaldo Bulhões Jr (AL) também deve compor a base. A tendência é de que Baleia Rossi (SP), deputado federal e presidente do partido, oficialize o apoio do MDB.

Nos bastidores, o PT também começou negociações com partidos do Centrão de Bolsonaro, como PP e Republicanos. A possibilidade de união, no entanto, foi rechaçada por Renan Calheiros. Ele defende "gelo" às legendas aliadas do atual governo.

» PGR pede para ouvir Zambelli

A Procuradoria-Geral da República (PGR) pediu ao Supremo Tribunal Federal (STF), ontem, a autorização para ouvir a deputada Carla Zambelli (PL-SP) antes de decidir se abre ou não um inquérito contra a parlamentar. Zambelli perseguiu um homem negro junto com seus seguranças no bairro Jardins, em São Paulo, na véspera do segundo turno. A deputada sacou a arma e correu atrás do jornalista Luan Araújo até um bar da região. A PGR também quer uma cópia da investigação aberta em São Paulo. O objetivo das medidas, segundo o órgão, é o "completo esclarecimento dos fatos".

Leite quer oposição a Lula

Principal liderança nacional do PSDB após ser reeleito governador do Rio Grande do Sul no último domingo, Eduardo Leite defende que o partido faça oposição ao governo Lula e não descarta uma fusão ou a composição de uma nova federação partidária como alternativa dentro do processo de reconstrução dos tucanos. MDB, Cidadania e Podemos estão entre as siglas que podem fazer parte dessa transição.

"Pretendo ir a Brasília, na próxima semana, para conversar com os líderes do partido para que a gente possa promover um alinhamento e definir os caminhos que serão trilhados, se será federação com algum partido, fusão ou criação de algo novo", disse Leite.

Após governar o país duas vezes com Fernando Henrique Cardoso, o PSDB elegeu apenas 18 deputados federais no último pleito, já contando com os que entraram pelo Cidadania, que fez parte de uma federação com os tucanos. Como base de comparação, há quatro anos, o PSDB havia conseguido eleger sozinho 29 parlamentares.

Nos estados, os tucanos perderam em São Paulo após 28 anos no poder e venceram no segundo turno no Rio Grande do Sul, em Pernambuco (com Raquel Lyra) e em Mato Grosso do Sul (com Eduardo Riedel). Essa nova geografia nacional do partido é o que faz de Leite, hoje, o principal nome da sigla com mandato e peso determinante no futuro da legenda.